



Parece uma história de gato e rato, que a cada segundo é narrada pela imprensa. Mas junto com as especulações há também muitos pontos relevantes que precisam ser esclarecidos. Afinal, o acordo entre o Pão de Açúcar e o Carrefour ainda não foi fechado e, pelo que parece, até o dia 2 de agosto – quando acontece a reunião entre os sócios Abílio Diniz (presidente do Conselho do Grupo Pão de Açúcar) e Jean-Charles Naouri (controlador do Casino) – muitos "ses" ainda vão rolar. Um deles, por exemplo, é que Diniz pode realmente querer continuar no Conselho, quando chegar junho de 2012, ou que "se" Naouri assumir o controle total do GPA, nesta mesma data, pode ser que ele venda todo o grupo para algum outro concorrente, a fim de quitar suas dívidas.

O fato é que "se" a fusão acontecer, seja ela entre o Carrefour com o Pão de Açúcar ou com o Walmart, caso o primeiro concorrente não entre em um acordo amistoso, alguns sindicalistas acreditam que a transação pode gerar a estagnação de empregos, o fechamento de algumas lojas de vizinhança e uma maior dificuldade de negociação entre os fornecedores. "Onde tiver duas empresas do mesmo grupo, uma teria que ser retirada do local. Além disso, pode haver mudança na maneira como se negocia com os fornecedores. Seja porque os seus produtos não sejam considerados de primeira linha, ou por conta das dificuldades em ingressar nos novas lojas", explica Álvaro Furtado, presidente do Sincovaga (Sindicato do Comércio Varejista de Alimentos do Estado de São Paulo).

Como a soma da possível fusão resultaria na aquisição de 30% do mercado supermercadista brasileiro, "se" o Casino (que detém hoje 37% das ações do GPA) concordar com a sociedade, Furtado acredita que somente a cidade de São Paulo concentraria grande parte dessas novas lojas, mas nada que implicasse em mudanças significativas para o pequeno e médio varejista. "Afinal, são as grandes redes que hoje já estão querendo migrar para lojas menores com o intuito de se aproximar ainda mais do consumidor, que busca alternativas e praticidades de compra em torno de sua casa", complementa o presidente, citando como exemplo as lojas do Extra Fácil.

Já Renato Valença, advogado da área societária do escritório Peixoto e Cury Advogados, acredita que o consumidor pode ser prejudicado. "O maior ponto de atenção nesse tipo de operação é a concentração do mercado. Uma empresa de alimentação de varejo detendo 30% do mercado poderia, em tese, controlar os preços e gerar prejuízo para o cliente. As autoridades concorrenciais precisam pensar nas eficiências e prejuízos com essa medida".

### **O papel do BNDES**

Entre as controvérsias a respeito do envolvimento do Estado está a presença do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que declarou seu apoio à transação, com a holding BNDESPar, e aporte de R\$ 3,9 bilhões ao projeto - além da ajuda do BTG Pactual de R\$ 680 milhões – e depois voltou atrás. Olavo Henrique, coordenador de pós-graduação da Trevisan Escola de Negócios, ressalta que uma das funções da instituição é fomentar a economia, independente da maneira, que pode ser reavaliada. "Assim como na China ou nos Estados Unidos, o Estado vira uma espécie de avalancador e torna-se um parceiro ou sócio da iniciativa privada. É uma questão de tendência".

Independente do que vai acontecer, a operação ainda precisaria ser aprovada pelos órgãos de defesa da concorrência, já que daria origem a uma empresa detendo

grande parte do mercado varejista. "Posição dominante é lícito, mas abuso de poder dominante não", complementa Valença.

Pelo que foi discutido hoje em Paris, Diniz não conseguiu convencer os franceses da Casino de que a aquisição seria um bom negócio. Em função disso, a presidente Dilma pretende divulgar sua saída da operação ainda hoje também.

Agora só resta ao Carrefour aguardar a assembléia de acionistas do próximo dia 2 para saber o que Diniz e Naouri pretendem resolver entre si, e partir para a próxima negociação, provavelmente com o Walmart, caso a primeira fusão não vá para frente. "Seria mais fácil resolver esse impasse se a disputa fosse por dinheiro porque bastaria negociar, mas neste caso, trata-se da briga de dois grandes grupos pelo comando. Um deles vai ter que ceder", conclui Furtado.

<http://www.cmnovarejo.com.br/inovacao/tendencias/1653-em-breve-carrefour-pode-ter-uma-resposta>